

*AMOR AO MAR:
UMA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA AFETIVA DA LIBERDADE FEMININA EM “TUDO
QUE JÁ NADEI”, DE LETÍCIA PINHEIRO DE NOVAES OU, APENAS, LETRUX*

Fernanda Garcia Cassiano¹

*“Vim ao mar pedir perdão.”
(LETRUX)*

Considerações iniciais sobre o afeto e suas representações

Esta proposta de leitura interpretativa busca demonstrar como as relações afetivas entre sujeitos e outras estruturas que compõe a sociedade e a natureza – e que ultrapassa os limites interpessoais – contribui para a leitura do desejo como pulsão de liberdade na representação feminina da literatura de Letícia Pinheiro de Novaes, em “Tudo que já nadei” (2021). Ou seja, por meio das contribuições a respeito da teoria do afeto, pensamos nessa estrutura social como uma possível emancipadora das singularidades dos sujeitos e, nesse recorte, da construção da mulher em seu lugar social.

Neste sentido, a pergunta que cerceia esta análise é sobre qual o lugar do afeto na construção do sujeito. Assim, pensamos ser importante compreender a relação da afetividade com a formação do sujeito, isso porque ela também faz parte de uma estrutura simbólica de formação daquele, bem como funciona como uma instância que opera a relação que se estabelece com o outro, aqui, compreendendo o campo do afeto como um espaço que pode ser preenchido por outros sujeitos, mas também por elementos que o atravessam.

Pensando nessas estruturas simbólicas, é na esteira de Slavoj Žižek, um filósofo e teórico cultural conhecido por sua abordagem crítica e provocativa sobre diversos temas, incluindo política, ideologia e psicanálise, ao interpretar a psicanálise lacaniana na coletividade, nas leituras sobre a formação da sociedade, de uma identidade cultural, que lemos o afeto como uma categoria intrínseca dessa formação, visto que ele se relaciona, diretamente, com a identificação do sujeito com o outro – enquanto alteridade – e é diante da alteridade que é possível criar a identificação, e também o reconhecimento, por e de nós mesmos. Neste sentido, de acordo com Silva (2009), o materialismo lacaniano propõe uma compreensão de fatores sociais que constituem os sujeitos, bem como faz compreender que o Simbólico é um estágio no qual o indivíduo se estrutura por códigos linguísticos que são socializadores.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Assim, enquanto partes da tríade que constitui o sujeito (composta de Simbólico, Imaginário e Real), proposta por Lacan, compreendemos essas categorias como existentes no macro da formação social; assim como emerge, nesse sistema, as estruturas de pulsão, de desejo e de mecanismos que fazem o sujeito, constantemente, se questionar, simbolizar e se re(estruturar), emergem as relações afetivas que esses sujeitos criam entre si e para com os outros. Na mesma linha da socialização, o afeto também se encontra em lugar de formação, isso porque trata-se de uma experiência subjetiva, em que se originam as pulsões e os desejos inconscientes, e está intimamente ligado à formação do sujeito, mais especificamente, nas estruturas psíquicas que regulam e mediam a expressão destes afetos, moldando a forma como nos relacionamos com as emoções e com as expressões do mundo ao redor.

Além disso, na perspectiva lacaniana, o afeto também está relacionado ao campo do Simbólico. Lacan (1968-1969) argumenta que os afetos são construídos por meio da linguagem e dos significantes, sendo mediados pelos sistemas simbólicos e pelas estruturas culturais. Assim, o afeto pode ser entendido como uma expressão simbólica que está inserida nas dinâmicas e nos sistemas de significação da sociedade; por isso, nos cabe refletir as contribuições propostas pela teoria dos afetos que pode sustentar alicerces das simbologias presentes na linguagem do texto.

Apesar disso, nosso foco, aqui, é averiguar como esses afetos transpassam o dizer literário de forma que corroborem a manutenção da tríade e, principalmente, do espaço do Simbólico, que é onde habitam, por meio da transposição da linguagem, nossos enunciados sistêmicos. Assim, em tentativa de uma possível definição, ou então recorte teórico, nos direcionamos para as reflexões (positivas e/ou negativas) a respeito do afeto, originado por questões subjetivas, mas que, quando significados e somados, constroem, também, uma representação coletiva, sustentadora de valores e direitos históricos e sociais. Se desvinculado de seu caráter obsessivo, quando se torna um mecanismo de repetição, o afeto provém de questões pessoais, internamente desenvolvidas, apesar de moldadas social e coletivamente, mas externalizadas em um âmbito individual, como uma primazia do próprio ser e, assim, desprovido de valores positivos ou negativos; nesse sentido, o afeto em estado de natureza, origem, é a tentativa de aproximação do sujeito consigo mesmo, da manifestação de um desejo sincero.

Ainda sobre o assunto, a escolha da terminologia afetiva ‘amor’ para representar uma manifestação pura do desejo, possibilita tratar da estrutura do afeto como uma ponte para a realização do amor, que é um conceito complexo e multifacetado, e que tem sido estudado e

teorizado por várias disciplinas ao longo da história, visto que diferentes teorias oferecem definições e perspectivas únicas sobre o que é e quais são as lógicas desse sentimento.

Em uma perspectiva psicológica, Robert Sternberg (2012) caracteriza o amor como um composto de três componentes: intimidade (proximidade emocional), paixão (desejo e atração sexual) e compromisso (decisão de amar e manter o relacionamento). Em uma concepção filosófica, Platão (apud ROBINSON, 2012) fala sobre a forma de busca pela beleza e perfeição, transcendendo o mundo físico; leituras que não se destoam de um entendimento subjetivo. Contudo, se a subjetividade é formada, também, socialmente, é bell hooks (2021) quem nos oferece uma perspectiva que aborda o amor em relação à questão de gênero, raça e poder. Segundo hooks (2021), o amor é um elemento vital para a transformação social e a cura de relacionamentos prejudiciais.

A autora (2021), ainda, caracteriza o sentimento como uma ação, uma prática ativa; ressaltando a necessidade de um afeto cuidadoso, em que as pessoas se preocupem e se responsabilizem umas pelas outras. Isso envolve um compromisso em reconhecer e atender às necessidades emocionais, físicas e espirituais dos outros; ou como cura, possibilitando agir como uma força transformadora capaz de superar a dor e promover a recobra individual e social; e, principalmente, como resistência, visto que é um ato contra a opressão e a dominação. Assim, podemos compreender essa categoria como uma instância que possibilita desafiar as estruturas de poder injustas e buscar relações mais igualitárias.

Se, em resumo, para bell hooks (2021), o amor é uma prática ativa e cuidadosa que pode desafiar as normas opressivas e promover a cura e a transformação pessoal e social, sua abordagem ao amor está intrinsecamente ligada à busca da justiça e da igualdade, ou seja, tratamos do amor e, neste contexto, do afeto, como categorias políticas e formadoras da sociedade. Consequentemente, também responsáveis por referências dos sujeitos que a ela pertencem e se fazem pertencer, principalmente, por meio das representações e dos discursos.

Ao pensar que buscamos compreender como essas representações podem se presentificar literariamente e, neste sentido da análise social, fazerem parte da construção simbólica dos sujeitos, acrescentamos as leituras de Žižek, que, apesar de não ser conhecido por desenvolver uma teoria específica sobre o amor ou fornecer definições detalhadas deste conceito, abordou o tema em alguns de seus escritos, para elucidar a ideia de compreender uma estrutura singular e subjetiva em construção de um contexto amplo de análise social e política. O autor, portanto, utiliza o amor como uma lente para examinar questões relacionadas ao desejo, ao poder e às dinâmicas do, também, poder. Ora, neste sentido, é possível acessá-lo, então, na compreensão do desejo sobre algo impossível, visto que o amor,

tido como verdadeiro, é, em exatidão, aquilo que não pode ser totalmente realizado, satisfatório, porque, como fortes indícios das representações que aliam o amor ao sofrimento indicam, as estruturas do desejo e do afeto são alimentadas, justamente, pela falta, pelo inacessível e pelo inatingível.

Por essa razão, compreende, também, a categoria como uma escolha radical, porque o amor autêntico exigiria uma decisão ativa de amar, independentemente das falhas, das imperfeições e das dificuldades encontradas no objeto do amor, assim, "o verdadeiro amor pressupõe uma escolha: 'Eu te escolho a ti em particular'. A verdadeira escolha nunca é simplesmente a escolha de uma pessoa, mas a escolha de uma escolha." (ŽIŽEK, 2015a, p. 63).

Ao identificar as próprias inconsistências das representações e simbologias, seria então viável compreender esse afeto com uma forma de reconhecer o Outro? Žižek enfatiza a importância de reconhecer o outro como um ser humano completo e autônomo, com suas próprias necessidades, desejos e liberdades. Assim, de encontro com o que foi argumentado por hooks, também compreende o amor como uma forma de resistência política e subversão do sistema dominante. Ele sugere que o amor pode desafiar as normas sociais e as estruturas de poder, abrindo caminho para novas formas de relacionamento e comunidade, pois é, também, "uma violência simbólica, no sentido de que envolve um ato de recodificação de todo o campo simbólico do Outro." (ŽIŽEK, 2015b, p. 37).

Todas essas relações e definições teóricas se desdobram em discutir a complexidade da expressão afetiva por meio da linguagem escrita, visto que buscamos enfatizar, mesmo que por meio de análise linguística, estética e estrutural, que a linguagem é sempre insuficiente para capturar, plenamente, o aspecto afetivo da experiência humana, mas, ainda assim, é efetiva para registrar e resistir aos impactos negativos de sua ausência.

Apesar dessas dificuldades, não descartamos a capacidade da linguagem escrita de comunicar afeto. Isso porque, em concordância com o filósofo (2015b), embora a linguagem possa ser limitada, ela ainda pode fornecer uma base para a expressão afetiva e permitir algum nível de compreensão e conexão emocional entre as pessoas. E isso pode ser averiguado nas construções linguísticas que se manifestam por meio da literatura e simbolizam o lugar desse afeto na construção do sujeito.

Para tanto, o material de análise escolhido para análise trata-se de uma coletânea de textos curtos, estruturalmente divididos entre os gêneros lírico e narrativo. Isso porque, ao libertar-se das próprias estruturas desempenhadas pelo lugar do gênero, a divisão de crônicas,

minicontos, frases ou poemas são sustentados pela voz narrativa de um mesmo universo simbólico, que transfigura as palavras para simbolizar o afeto.

Em consequência disso, surgem, agora, as considerações sobre o gênero das narrativas curtas que, neste caso, não são o enfoque principal do tema proposto. É certo, apenas, que a estrutura compacta das histórias permite a experimentação de diferentes estilos e, em outra leitura, a criação de textos híbridos compostos em uma única obra é uma forma de expressão artística e literária que desafia as convenções estabelecidas.

A hibridez dos gêneros tem sido objeto de estudo e exploração, a exemplo do que diz Bakhtin (2011), na teoria do discurso, enfatizando a natureza dinâmica e heterogênea da linguagem. Para ele, os gêneros são eventos comunicativos situacionais e não categorias fixas. Portanto, trataremos a obra analisada como uma coletânea de textos que versam, de forma livre, sobre a própria liberdade de desejar e se afetar. E isso pode ser verificado, literariamente, quando compreendemos a representação do feminino.

A voz da mulher: o afeto que enuncia e é enunciado

A noção do feminino desvinculada do patriarcalismo é um tema relevante tanto na literatura quanto no discurso social contemporâneo. Tradicionalmente, a literatura refletia os papéis estereotipados e as normas de gênero impostas pelo patriarcado, retratando as mulheres de maneira limitada e subordinada aos homens. Contudo, escritoras contemporâneas têm desempenhado um papel fundamental na promoção de narrativas que proporcionam uma representação mais autêntica das mulheres. Essas representações literárias têm contribuído para ampliar o entendimento e a discussão sobre as experiências femininas, ao mesmo tempo em que oferecem modelos e inspiração para as mulheres na vida real.

Leticia Novaes, conhecida artisticamente como Letrux, é uma cantora, compositora e atriz brasileira nascida em 21 de setembro de 1986, no Rio de Janeiro, Brasil. É conhecida, principalmente, por sua voz única, presença de palco intensa e letras poéticas. Além de sua carreira musical, Letrux também é conhecida por suas incursões no cinema e na televisão, ao atuar no filme "Mate-me Por Favor" (2015), dirigido por Anita Rocha da Silveira, e na série "Justiça" (2016), da Rede Globo. Possui, além disso, dois livros publicados: um como Leticia Novaes, denominado "Zaralha, abri minha pasta" (2015), de natureza intimista e autobiográfica, e "Tudo que já nadei: ressaca, quebra-mar e marolinhas" (2021), em que versa as relações do feminino e da natureza, em específico, sobre sua relação de amor com o mar, escolhido como objeto de estudo desta análise justamente porque, por meio de simbologias

próprias, traz luz às reflexões sobre a importância de permitir que o desejo e a conexão com ele mobilizem o afeto.

No entanto, é importante reconhecer que a relação entre o feminino e a natureza não é universalmente positiva. Ao longo da história, houve também uma tendência de subordinar mulheres às forças da natureza e reforçar estereótipos que as consideram selvagens, irracionais ou emotivas. Essas representações podem ser limitantes e reforçar desigualdades de gênero e, por essa razão, há, nesta literatura, um movimento importante de valorização da interconexão entre o feminino e a natureza, possíveis de serem compreendidas em enunciados como:

Meteorologia, eu quero uma pra viver

Entrei num mar inédito, fui ao fundo para que pudesse aguentar a trolha que se anunciava. Ondas maiores vieram, passei pela primeira sem sacode. Um homem surge ao meu lado e, enquanto uma mais gigante ainda se aproxima, diz: “É só mergulhar bem fundo, menina!”. Penso em avisar que sou filha dela e não donzela à procura de um resgate, mas apenas obedeço e ralo meu peito na areia. Resíduo de sacode. (LETRUX, 2021, p. 17).

Assim, é perceptível que, apesar das inúmeras relações entre as mulheres e a natureza, suas produções transpassam alguns limites de violências sistêmicas quando permitem a compreensão do acolhimento, do pertencimento como um todo. Não à toa a imersão na água nos permite, inteiramente, sermos abraçadas em completude, nas relações das afetividades escolhidas. O afeto então direcionado a esse elemento da natureza se realiza não somente por ele, enquanto objeto e estrutura existente, mas pelos efeitos que ele traz a quem o experimenta. Ao vivenciar e direcionar a afetividade, unilateralmente, a um ser que tudo recebe, que é a representação da expansão, da grandiosidade, a mulher desta narrativa se enxerga, puramente, como é, desenvolve seu afeto por si, por meio do acolhimento do outro, como observamos em “30 de fevereiro”:

30 de fevereiro

Me adoro de um jeito que não sou
Me adoro distraída
Me adoro relaxada
Me adoro depois da praia
Mas eu não sou todo dia depois da praia
Mas me adoro desse jeito que não sou
Como faz para se tornar todo dia
De um jeito depois da praia?
(LETRUX, 2021, p. 85).

Assim, afirmamos a hipótese de que, nesta integração do afeto, quando tratamos de estruturas Simbólicas vigentes na construção do sujeito, compreendemos que todo desejo de ação parte da ideia da busca pela completude, o afeto direcionado ao mar, nesse sentido, é a compreensão da falta, que, apesar de ser caracterizada por Žižek como uma forma de amor ou de amar, preenche a totalidade afetiva quando se coloca em lugar de aceitar o desconhecido. É por isso que a autora acrescenta literariamente que:

O mar é um dos poucos lugares em que tenho a sensação de pertencimento, sem ser dona dele.
O mar é um amor que dá certo.
(LETRUX, 2021, p. 135).

O mar, assim como a natureza em geral, tem sido, historicamente, personificado e associado aos aspectos femininos. Essa associação pode ser encontrada em diversas culturas e mitologias, como as divindades marinhas e as sereias, delimitando uma conexão entre o feminino e as águas salgadas que, muitas vezes, está relacionada à ideia de fertilidade, mistério, poder e transformação da própria criação.

Assim, a relação entre o feminino e a natureza pode ser explorada em diversas áreas, incluindo a literatura, pois a reconexão remonta a diferentes tradições culturais e mitológicas que, frequentemente, associam o feminino com elementos naturais, como a fertilidade, o ciclo da vida, a terra, a lua, a intuição e a própria água. O que se vê na sequência “Líquidos”, colcha de narrativas umedecidas pela água, mar, chuva, lágrimas etc., representados em: Líquido A); B); C); D); E); F); G); H); I); J); K); L); M) (LETRUX, 2021, p. 41-51).

Na literatura, por exemplo, é comum encontrar imagens e metáforas que conectam o feminino à natureza. A figura da mãe terra é associada ao feminino e à ideia de nutrição e sustento, da mesma forma em que o poder criativo e regenerador das mulheres, muitas vezes, é simbolizado por meio de metáforas naturais, como o ciclo menstrual e a capacidade de dar à luz. Assim, compreendemos, nessas construções, que o amor pode ser entendido como uma manifestação da crença do próprio sujeito e dos mecanismos de ideologia e formação de sua identidade histórica, isso porque são esses mecanismos que estão presentes na construção do universo Simbólico anteriormente referidos e em metáforas de vida e morte...

[...] na hora que a água viva se dá conta de que vai morrer, ela lança muitos óvulos no mar. Diz que, pra água viva, é afrodisíaco morrer. Diz que.
(LETRUX, 2021, p. 66).

Em conclusão a essa reflexão, se é possível encontrar conexões afetivas nas produções culturais, como nos textos de Letrux e sua relação de pertencimento e conectividade com o

mar, é certo também que esse aparecimento não é à toa, mas, sim, registra formas de emancipação de vozes que, antes, se relacionavam de forma muito direta com a existência de uma ‘opressividade’ do próprio desejo, e encontram brechas de tornarem-se emancipadas, libertárias e, principalmente, de seguirem um próprio entusiasmo, assim como a voz que narra a obra analisada, afinal:

Que guinada
Bom sabrt que ainda dou caldo
(LETRUX, 2021, p.142).

Considerações finais

Se, nas teorias sociais e psicanalíticas, o amor é considerado como um fenômeno complexo que reflete tanto as crenças e valores individuais como as influências da cultura e da sociedade, adentramos a crença do próprio sujeito, pois, neste caso, o amor envolve uma dimensão subjetiva em que as crenças, valores e experiências individuais desempenham um papel importante, por isso de manifesta de maneiras diferentes.

Neste sentido, buscar compreender a construção da identidade histórica, formada por influências culturais e sociais, também influencia a maneira como o amor é entendido e praticado discursiva e efetivamente. As normas culturais, os discursos dominantes e os processos históricos moldam as concepções e as expectativas em torno desse afeto, bem como das formas de relacionamentos que são socialmente aceitas e valorizadas. Assim, é importante ressaltar que a relação entre amor, crença do sujeito, ideologia e identidade histórica é multifacetada. Nos interessa, também, salientar que a forma como a estrutura se manifesta em cada indivíduo e contexto pode variar amplamente, mas é possível que compreendamos que partes desses afetos estão presentes na construção dos discursos femininos, na formação desses sujeitos e, naturalmente, nas esferas simbólicas mencionadas anteriormente.

Em suma, pensar que o afeto pode ser uma instância simbólica que se relaciona, diretamente, com as estruturas sociais que compõe uma ordem simbólica restritiva ou libertária é compreender que essa estrutura também faz parte de construção social e coletiva da manifestação do desejo e da liberdade de mulheres que se constroem por meio de seus espaços de acolhimento. Visto que é por meio dessa configuração que a mulher constrói a sua rede de sustentação emocional e ideológica, a fim de que se compreenda que esse amor é, também, manifestação da crença do próprio sujeito, bem como dos mecanismos de ideologia e

formação de sua identidade histórica, e isso nos serve, pois, ao analisar a formação desses sujeitos, compreendemos questões que estão presentes em nosso simbólico social.

Referências

BAKHTIN, Mikhail; GHÄSEMIPOUR, Ghodrat. O problema dos gêneros do discurso. **Crítica Literária**, v. 4, n. 15, pág. 114-136, 2011.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

LETRUX. **Tudo o que já nadei**: Ressaca, quebra-mar e marolinha. São Paulo: Planeta, 2021.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Autêntica, 2016.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ªed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

STERNBERG, Robert J.; STEMBERG, Karin. **Psicologia Cognitiva**. 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. Boitempo editorial, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **O Amor Impiedoso** (ou: sobre a crença). Trad. de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 16: de um Outro ao outro (1968-1969). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.